

ro e genuinamente internacionalista. Podemos mostrar liderança. Como os norte-americanos que declararam a sua independência e nunca olharam para trás, nós podemos tornar-nos num modelo do que pode alcançar uma democracia inclusiva, aberta e inovadora.

Podemos recuperar os milhares de milhões que demos à UE, o dinheiro que é delapidado em grandes edifícios parlamentares e loucuras burocráticas e investi-lo em ciência e tecnologia, escolas e aprendizagens. Podemos livrar-nos dos regulamentos que os grandes negócios usam para esmagar a concorrência e, ao invés, apoiar

novos negócios de start-up e talento criativo. Podemos incentivar acordos comerciais e parcerias com nações em todo o globo, ajudando países em desenvolvimento a crescer e beneficiando de um acesso mais rápido e melhor a novos mercados.

Somos a quinta maior economia do mundo, com as melhores forças armadas de qualquer nação, mais Prémios Nobel e mais universidades líderes-mundiais do que qualquer país europeu. A nossa economia é mais dinâmica do que a Zona Euro, temos a capital mais atrativa do globo, o melhor “soft power” e influência global do que qualquer Estado, e um

papel de liderança na NATO e na ONU.

Será que somos realmente demasiado pequenos, demasiado fracos e demasiado impotentes para fazer do autogoverno um sucesso? Pelo contrário, a razão pela qual os burocratas da UE se opõem à nossa saída é o seu medo de que o nosso sucesso fora vá apenas sublinhar a escala do seu falhanço.

Esta oportunidade pode nunca mais surgir novamente nas nossas vidas, por isso é que vou ser fiel aos meus princípios e aproveitar a oportunidade que este referendo oferece para deixar uma UE mergulhada no passado e abraçar um futuro melhor. ■

Um argumento conservador para ficar

O lado do *Brexit* quer riscar décadas de paz e prosperidade reais para atingir um futuro cheio de estadistas racionais implausíveis/inverosímeis

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

Abro uma pasta empoeirada e olho para os meus artigos amarelecidos do *Spectator* da Polónia, Alemanha e Rússia nos dramáticos anos 1980. E cá está um de Bruxelas em 1986 a sugerir que a Grã-Bretanha estava na procura da definação do seu papel na Comunidade Europeia. Ha ha. Nessa altura, Charles Moore era o editor da revista e eu o editor internacional. Embora ele partilhasse a minha paixão pela libertação da Europa de Leste, à medida que nos tornávamos cada vez mais insatisfeitos com a Comunidade Europeia ocidental, ele deixou-me argumentar em sua defesa. Agora, 30 anos depois, o Charles e eu



POR
Timothy Garton Ash

Professor de Estudos Europeus da Universidade de Oxford (St. Antony's College) Senior Fellow

posicionamo-nos em lados diferentes de um argumento nacional histórico.

Isto contribui para uma inversão de papéis curiosa. Sou um liberal (“l” minúsculo) de longa data, mas o meu argumento para a permanência na UE é fundamentalmente conservador (“c”

minúsculo). Baseia-se numa visão pessimista da natureza humana, em geral, e da Europa, em particular.

Pelo contrário, aqueles que — como o Charles — querem a saída da UE, argumentam a partir de uma visão otimista de um futuro alternativo, no qual o interesse próprio racional faz com que o resto da Europa, e o resto do mundo, ofereça condições favoráveis a uma Grã-Bretanha independente, dinâmica e rejuvenescida. É claro que a UE nos dará acesso fácil ao mercado único! Eles devem querer exportar para nós os seus BMWs. É claro que os EUA e a China farão acordos de livre comércio com a Grã-Bretanha como têm com a UE! Esta forma de pensar, profundamente não-Burkeana, base-

ada em afirmações não testáveis sobre um futuro no qual todos se comportam racionalmente, é mais frequente na esquerda. Os apoiantes da saída viram o futuro, e ele funciona.

Eles são mais otimistas do que eu sobre a capacidade das nações europeias se superarem por si mesmas. Penso que todas estas redes de cooperação são necessárias para as prevenir de caírem em maus velhos hábitos. Ao longo dos últimos mil anos, a Europa tem sido o continente mais culturalmente diverso e criativo no globo. Também tem sido um dos mais sangrentos. Quando comecei a viajar na Europa, no início dos anos 1970, metade do continente ainda vivia sob ditaduras de direita ou de esquerda. O meu colega de quarto, quando estudei alemão na Bavária, era um grego exilado dos coronéis; Portugal e Espanha trabalhavam sob o manto de ditaduras fascistas. Os meus amigos da Alemanha de Leste eram perseguidos pela Stasi e os meus amigos polacos iriam subsequentemente vivenciar a detenção e um “estado de guerra”. Para todos eles, as causas da Europa e a liberdade marcharam juntas como irmãs, de braço dado e não, como muitos britânicos as veem, como inimigas mortais: Europa vs liberdade.

A Europa que temos hoje é a pior Europa possível, mas só se não contarmos com de todas as outras Europas que foram tentadas de tempos em tempos. Os últimos 30 anos têm sido um período excepcional na história europeia: excepcionalmente bom. Embora tenhamos certamente pago o preço com a perda de soberania e regulações idiotas (alguns tornados significativamente mais idiotas no nosso país pela burocracia muito britânica), este também tem sido um bom período para a Grã-Bretanha. Uma correlação entre um bom período para a economia britânica e a adesão à UE não significa necessariamente que a segunda é a causa da primeira — o que dizer da Senhora Thatcher? E o que dizer de Tony Blair? — mas uma análise cuidadosa no *Financial Times* sugere que a adesão à UE tem contribuído para a nossa prosperidade, abrindo as empresas britânicas tanto às oportunidades do mercado único como aos ventos da concorrência continental.



Os últimos 30 anos têm sido um período excepcional na história europeia: excepcionalmente bom. Embora tenhamos certamente pago o preço com a perda de soberania e regulamentos idiotas

Não tenho dúvidas de que a Europa ocidental tomou a direção errada depois de 1989. A união monetária mal concebida tem sido um desastre para o projeto europeu, dividindo quando devia unir, empobrecendo quando devia enriquecer. Em vez do Euro, devíamos ter desenvolvido uma cooperação mais forte em política externa e de segurança para termos abordado mais eficazmente as causas dos fluxos de refugiados do Médio Oriente que estão agora a abanar a União Europeia até às suas fundações, com vedações de arame farpado a serem erigidas onde antes foram destruídas.

Mas isto também quer dizer que uma “união cada vez mais próxima” são ventos do passado. O que é certo é que há pessoas em Bruxelas que ainda insistem nisso, algumas com sinceridade. E a Zona Euro precisa de um maior aprofundamento se pretende sobreviver. Mas a opinião pública alemã tem mudado dramaticamente desde a unificação: encontram-se tão poucos alemães a abraçar seriamente o objetivo de uma união mais integrada como se encontram britânicos. O perigo real hoje não é que o continente intensifique o avanço para um superestado napoleónico, mas que decaia para a desintegração, hostilidades nacionais, xenofobia e iliberalismo. Nas palavras brilhantemente chocantes de Bertolt Brecht: “é ainda fértil o útero do

qual veio a besta.” (*“The womb is fertile still, from which that crawled.”*)

Mais uma razão, poderia dizer, para nos livrarmos deste continente escuro. Apenas votar para sair e de uma só vez o John Bull será livre. Só que ele não será. Uma e outra vez ao longo da história moderna, a Grã-Bretanha tem sido inevitavelmente arrastada para as agruras de um continente problemático. Porque deveria ser diferente desta vez? Especialmente agora, quando todo o mundo está tão interligado, nomeadamente na economia e finança.

Mas a liberdade, o leitor pode dizer, envolve sempre risco. De facto, envolve. Também envolve discernimento e responsabilidade. Na retórica exteriormente autoconfiante da libertação nacional dos apoiantes do Brexit ouço a voz do Ulisses envelhecido de [Alfred] Tennyson:

*Venham, meus amigos,
Não é tarde demais para procurar um mundo novo,
Desatracai, e sentados bem em ordem batei
Nas esteiras sonantes...¹*

Ouço aquela voz romântica de otimismo nostálgico e emoção para a sua chamada. Mas o Ulisses de Tennyson quase certamente acabou cinco braços abaixo, juntamente com a sua tripulação. E não era um bom governante para o seu povo: deixou aquele trabalho ingrato, “centrado na esfera de deveres comuns”, ao seu filho Telémaco.

O problema que todos enfrentamos ao fazer esta escolha é que ela é inevitavelmente baseada em suposições: o que aconteceria se...? Ao almoço num restaurante no centro de Londres no outro dia, ouvi dois cavalheiros elegantemente vestidos a discutir *The Choice*, até que um concluiu, com um bom gole de vinho tinto: “O que precisamos é de uma firma de contabilistas para estimar o custo das alternativas”. Mas isso é precisamente o que nunca vamos ter. Ao invés, devemos exercer a nossa opinião, pesando o equilíbrio das probabilidades.

Neste artigo, tentei evitar ensaiar uma vez mais os argumentos familiares, que já estão tão bem polidos como o prémio de um jogo de meninos de escola. Claro que existem especialistas e figuras de autoridade em ambos os lados. Mas é a minha opinião, baseada



no balanço de análises de especialistas e figuras credíveis, que estaremos pior e menos seguros de fora. Se os ingleses votam para sair e os escoceses para ficar, há uma elevada probabilidade de que a Escócia depois vote para abandonar o Reino Unido e volte a juntar-se à UE. O acordo de paz da Irlanda do Norte ficaria em aberto.

Devido ao facto de eu passar grande parte da minha vida a falar com outros europeus nas suas próprias línguas, estou ainda mais confiante ao dizer que eles não nos darão uma segunda hipótese ou um acordo favorável se sairmos. Na minha outra vida, na Universidade de Stanford, apercebo-me de aqueles norte-americanos que têm pensado sobre isso, estão preocupados com o facto de que a Grã-Bretanha não deve enfraquecer ainda mais uma Europa já devastada pela crise e, por conseguinte, o Ocidente como um todo, à medida que enfrentamos um Vladimir Putin agressivo e caos sangrento no Médio Oriente.

Não consigo partilhar o otimismo a histórico alegre que vê a Europa fazer uma transição suave desta união imperfeita para uma região de democracias liberais prósperas e livremente cooperantes. Este tem sido um período excepcional na história da Europa moderna e uma exceção cuja durabilidade está agora vinculada, gostemos ou não, à da UE. E uma coisa é certa: no seu seio, ainda teremos a hipótese de a reformar, fora não temos nenhuma.

Os apoiantes do *Brexit* vão previsivelmente condenar o meu argumento como parte do “Projeto Medo”, mas a história europeia, e a natureza humana, dão-nos muito para sermos racionalmente receosos. Dando o devido peso aos receios racionais, enquanto se tem a coragem para assumir riscos calculados, é o que fazem os bons soldados, pessoas de negócios com sucesso e mulheres e homens sábios. Devemos ser corajosos e não imprudentes. Esta pode não ser uma passagem otimista heróica na vida da Europa, como a que se seguiu às revoluções de veludo de 1989,

mas nenhuma comunidade política vive apenas bons momentos. Ainda há muito a perder e um conservador pragmático tradicional não iria saltar, como Corbyn, para uma alternativa incerta.

Ao contrário de muitos apoiantes de elite da UE, eu saúdo este debate e esta escolha clara. Estou impressionado com a quantidade de pessoas que genuinamente não decidiram e estão a tentar navegar através do turbilhão de reivindicações e contra-reivindicações. Se está entre os muitos indecisos, digo: por favor, faça um julgamento sóbrio do que é provável que seja benéfico para este país. Olhe para os factos, olhe para a história. Seja realista. Seja conservador. Vote para ficar. ■

NOTAS

¹ Excerto em língua inglesa: *Come, my friends, 'Tis not too late to seek a newer world, / Push off, and sitting well in order smite / The sounding furrows....*